

Literatura Erótica na Contemporaneidade¹ A prática da autopublicação no mercado editorial erótico

Bárbara Vitória de Moraes²

Mateus Yuri Passos³

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo traçar um esboço do panorama do atual mercado editorial erótico. O foco é a prática de autopublicação das novas autoras de literatura erótica que se dá por meio de plataforma Kindle Direct Publishing (KDP). Para isso, foram conduzidas entrevistas com três autoras e aplicado um questionário com um representante da Amazon para compreender o cenário da autopublicação da literatura erótica. Como contribuição, observa-se um ambiente favorável ao crescimento da autopublicação na literatura erótica, por meio do KDP. Além disso, ainda há a presença da censura moral sobre as obras eróticas. Também foi investigado se a autopublicação impacta a publicação feita nas editoras.

PALAVRAS-CHAVE: mercado editorial; literatura erótica; autopublicação; amazon

TEXTO DO TRABALHO

A literatura erótica é publicada no Brasil desde 1700, sendo divulgada pelos jornais da época. Desde então, esta produção sofre com a censura moral, recorrendo a diversas formas de escapar desta, como o uso de pseudônimos. A partir de 1820, com a consolidação de um mercado editorial e um público leitor é formada uma cultura pornográfica nacional. A produção erótica ainda sofreu com a censura durante a ditadura civil-militar. Um exemplo desta prática é a censura de 25 livros das autoras Cassandra Rios e Adelaide Carraro. Nesse cenário, as editoras encontraram na publicação clandestina uma saída para atender a demanda do ávido público.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da UMESP, e-mail: barbamoraesvitoria@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UMESP. e-mail: mateus.passos@gmail.com

Com a popularização dos blogs, os autores de literatura erótica buscam nestes e nos livros digitais um caminho para produzir e divulgar as obras, sem passar pelas editoras. Com a implantação da ferramenta *Kindle Direct Publishing* (KDP) em 2013 no Brasil, é oferecida a possibilidade de autopublicação. Atualmente, os livros de romance erótico e contemporâneo ocupam a lista dos mais vendidos no site *Amazon.com.br*, entretanto, existe uma latente falta de pesquisa sobre esse novo cenário da autopublicação.

Logo, este artigo tem como foco a prática de autopublicação pelas autoras de romance erótico, por meio da ferramenta da Amazon, buscando traçar um esboço de panorama sobre o atual mercado editorial de literatura erótica, analisando três categorias: a autopublicação, a censura e a ferramenta da Amazon.

Também foi investigado se a autopublicação impacta a publicação feita nas editoras, seja competindo diretamente com esta ou sendo vista como uma melhor opção do que a publicação tradicional devido ao possível retorno financeiro, o alcance e liberdade que oferece. A ferramenta KDP também foi objeto de análise, observando as vantagens, as desvantagens e o suporte dado aos autores que a utilizam. Além disso, foi investigado como a censura permeia a produção literária erótica nacional atualmente, seja na autopublicação ou na publicação das editoras.

Para tal, foi escolhida a metodologia qualitativa, optando-se por entrevistas semi-abertas com as autoras e a aplicação de um questionário com o representante da Amazon. As entrevistas foram realizadas com três autoras, sendo elas: Katherine Lacom't, Nana Pauvolih e Nalva Martins, que publicaram livros no KDP e o gerente geral do site *Amazon.com.br*, Alexandre Munhóz.

2 Erotismo e pornografia

Segundo a definição dada pelo Dicionário Michaelis, a palavra erotismo tem como principal significado “a tendência ao amor sensual” (EROTISMO...,2015) e deriva da palavra grega *erótikus*. A palavra faz referência ao conto do deus grego do amor, Eros, filho de Afrodite e Ares, que com Psiquê vivem uma história de amor e no final os dois permanecem juntos, mesmo após trágicos acontecimentos.

Já a palavra pornografia tem como principal significado "qualquer coisa (arte, literatura etc.) que vise explorar o sexo de maneira vulgar e obscena" (PORNOGRAFIA...,2015). Tem origem no grego com os termos *porné* (prostituta),

pórnus (que se prostitui) e *pornographos* (autor de escritos sobre prostituição). A palavra reaparece em francês como *pornographie*, para referenciar romances franceses, como explica Gomes (2016).

Para Bataille (1987), o erotismo “é a atividade sexual do homem”, mas o fato de se escolher o objeto de desejo por meio dos gostos pessoais, torna evidente uma interioridade do desejo, diferenciando-a assim da sexualidade dos animais.

Indo além, Alexandrian apresenta uma possibilidade de limites entre erotismo e pornografia:

A pornografia é a descrição pura e simples dos prazeres carnaís; o erotismo é a mesma descrição revalorizada em função de uma ideia do amor ou da vida social. Tudo que é erótico é necessariamente pornográfico, com alguma coisa a mais. (ALEXANDRIAN, 1993, p.8)

Carlos Ceia define literatura erótica como "gênero literário que inclui toda a literatura licenciosa, dirigida para a libertação do desejo sexual ou do amor sensual, independentemente do grau de licenciosidade" (LITERATURA ERÓTICA..., 2009).

Porém, o autor chama atenção para a dificuldade de se fazer uma distinção:

Se atendermos ao facto de que até ao final do século XIX, por força da moral estabelecida canonicamente, toda a literatura que ofendesse os bons costumes, excitasse claramente o apetite sexual ou cuja linguagem incluísse termos licenciosos ou obscenos era considerada “erótica”, com uma forte carga pejorativa, então não devemos ser nunca capazes de estabelecer um critério rigoroso para distinguir o que é erotismo do que é pornografia. (LITERATURA ERÓTICA..., 2009)

Dessa forma, de acordo com Alexandrian e Ceia, a literatura erótica não pode ser separada da pornografia, mesmo que esta, por sua vez, tenha um grau maior ou menor de obscenidade ainda carregará aspectos do erotismo na sua produção.

2.1 Literatura Oitocentista

No Brasil colonial já existia a publicação de obras de cunho pornográfico. É possível citar livros como *Teresa filósofa* e *Fanny Hill*, mas estes eram introduzidos “de maneira tímida até o final de Setecentos” (EL FAR, 2004, p. 209). Todavia, é no período que se estende entre 1800 a 1920 que o gênero encontra a consolidação e popularização no Brasil. Isso ocorre devido a inúmeros fatores tais como a inauguração da imprensa em 1808, que depois desempenha um papel fundamental na divulgação dos livros, o surgimento do folhetim em 1830, o estabelecimento de casas editoriais entre

1880 e 1920, que culmina em um crescimento exponencial do mercado editorial, como explica El Far (2004). “Acrescentem-se a isso o aumento do número de pessoas alfabetizadas e a formação de uma classe mais popular de trabalhadores, enfim de um público potencialmente leitor” (MENDES, 2019, p. 11).

Assim, neste período houve a formação de uma cultura pornográfica “ou mesmo de uma tradição pornográfica [...] - quanto à sistematização da produção de obras, de seu consumo e de um mercado editorial que possibilitasse sua publicação” (MENDES, 2019, p.18), que desde então enfrentava a censura. Em 1923, foi feito o decreto nº 4.743, o qual proibia a venda e a exposição de publicações que ofendessem a moral pública e os bons costumes, a literatura erótica sofre com a censura moral desde do nascimento devido à forte influência do catolicismo português (AZEVEDO, 2017).

As manifestações em jornais da época contra a publicação dos livros feitos pela comunidade católica demonstram o papel da moralidade na formação da tradição erótica. Assim, é possível observar que a censura molda a cultura pornográfica já que “em suas reprovações à pornografia de figuras como essas acabavam, mesmo que negativamente, visibilizando e disseminando-a, [...] acabam traçando seus contornos e possíveis limites” (MENDES, 2019, p. 6).

As mulheres foram excluídas do mercado editorial erótico, seja pela dita fragilidade mental delas ou pela predominância de textos voltados para o público masculino, como “romances para homens” ou “romances para se ler como uma mão só” (AZEVEDO, 2017). Mas até eles não estavam livres de sofrer com os impactos da moral e dos bons costumes. Estudos da época tentavam relacionar a leitura de obras eróticas com o desenvolvimento de doenças sexualmente transmissíveis, debilidade mental, entre outras, como explica Azevedo (2017).

No Brasil Oitocentista, há a formação do mercado editorial e cultura erótica, que permite a formação e a popularização do gênero no país (MENDES, 2019). Esse processo enfrenta a censura moral, que o molda e delimita os seus contornos, impondo, por exemplo, o uso de pseudônimos. Importante frisar que o elemento da moralidade permeia todo o desenvolvimento do mercado editorial erótico, não só sua formação e na atualidade é possível sentir o peso de sua influência.

2.2 Literatura erótica no ditadura civil-militar

Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), a produção de livros eróticos sofre uma explosão de vendas, como deixa claro a reportagem veiculada na revista *Veja*, com o título "É a explosão erótica nas livrarias", em 1968. Só as escritoras Adelaide Carraro e Cassandra Rios somam mais de 4 milhões de obras vendidas (MARCELINO, 2006). Curiosamente, é também nesse período que o gênero enfrenta uma forte censura. Juntas, Carraro e Rios, possuem 25 obras censuradas pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP).

Durante o mandato do ministro da Justiça, Armando Falcão, entre os anos de 1974 e 1979, há um aumento substancial da censura de títulos (MARCELINO, 2006). A censura era de caráter moral e recebia o respaldo de parte da população, que realizava denúncias ao DCDP ou escreviam cartas ao ministro, como esta:

E nossos Colégios, Sr. Ministro? Com o pretexto de dar literatura, obrigam nossos filhos a ler Dona Flor e Seus Dois Maridos, Menino de Engenho etc., etc. (...) Sr. Ministro, será que a nossa literatura brasileira não possui livros sem pornografia para dar aos nossos adolescentes? (...) Para se passar no vestibular é preciso saber pornografia?⁴

Usando o decreto nº 1077, o qual proibia a publicação e divulgação de obras contrárias à moral e os bons costumes, Falcão podia censurar e apreender livros e revistas. Cabe salientar que "os critérios da censura eram enigmáticos" (LONDERO, 2015, p. 78) porque era comum a utilização da opinião pessoal dos censores, que chegavam até mesmo a escrever comentários sobre a narrativa das obras, como explica Marcelino (2006).

Em meio a isso, editoras e autores tentavam burlar a censura moral para poder publicar as obras e para isso valia tudo. No caso dos autores, é importante destacar a manutenção do uso dos pseudônimos. Um exemplo é Cassandra Rios, que era um pseudônimo adotado por Odete Rios. As editoras recorriam a impressão em gráficas clandestinas para não submeter os livros aos censores da DCDP. " Isto também explica porque um procedimento de praxe no meio editorial era raramente adotado nessas ocasiões: a inserção do nome e do endereço da gráfica na última página do livro" (LONDERO, 2015, p. 79).

⁴ Carta ao ministro da Justiça, Armando Falcão, encaminhada à DCDP, 30 dez. 1976, Caixa 2.

Fato é que a censura criou um mercado editorial clandestino. A maioria das editoras clandestinas se localizavam na região conhecida como Boca do Lixo e realizavam venda para pessoas e livreiros de confiança. Assim como no período Oitocentista, a censura apenas chamava mais atenção para os livros. "Na verdade, mais que as obras censuradas, eram os escritores quem recebiam esse duvidoso "charme adicional", sendo explorado pelos editores em chamadas apelativas que estampavam as capas dos livros ("a escritora mais proibida do Brasil")" (LONDERO, 2015, p. 88).

Com a saída de Falcão do Ministério da Justiça em 1979, houve um declínio na censura de livros e revistas. Na década de 1980, marcada em 1985 pelo fim da ditadura civil-militar, a produção de literatura erótica passa por uma queda na produção, perdendo espaços para outras obras do período, como observa Moraes (2003).

2.3 Literatura erótica na contemporaneidade

Na década de 1990, a literatura erótica tem uma retomada, com a publicação de quatro livros de Hilda Hilst. A descoberta do potencial da escrita erótica fantasiosa pode ser um dos fatores que justificam essa mudança. "A produção obscena da última década faz uma aposta radical na fantasia, seja ela fescenina, alucinatória, mística ou grotesca" (MORAES, 2008, p. 406).

Destaca-se que a produção da década de 1990 é feita predominantemente por mulheres e homossexuais, "delineando um imaginário que não se conforma aos padrões tradicionais da sexualidade, ainda bastante hegemônicos no país" (MORAES, 2008, p. 414). Outro aspecto importante dessa década, é a presença de traduções e quadrinhos.

A partir de 1994, com a ascensão e popularização da internet, os usuários podiam publicar e supervisionar as informações nos blogs. Eles também possibilitam "não só a leitura, mas a troca de informações à respeito do tema desejado"(GOMES, 2016, p. 28). Os blogs podem servir tanto como diários pessoais ou para abordar uma diversidade de temas, dentre eles, a literatura erótica.

Ao acessar blogs como *Adorável estante*, *Adoramos romances em e-book*, *Romance históricos em e-book* e *E-book romances apimentados*, observa-se a divulgação de contos e resenhas de romances eróticos, além da interação entre usuários e os autores, como explica Gomes (2016).

A autoria predominantemente feminina, tendência da década de 1990, se mantém, apesar de ser possível encontrar autores masculinos. Além disso,

os blogs estão engajados juntamente com o público adepto dessa literatura, para a representatividade e a importância de contribuir através de mensagens adequadas e específicas ao universo feminino, colaborando para o seu desenvolvimento, para uma discussão sobre a igualdade de gêneros e para o reflexo da imagem da mulher como exemplo da força do poder feminino. (GOMES, 2016, p. 35)

Assim, os blogs se tornam o espaço para a produção literária erótica no pós década de 1990, mas também permitem a discussão de temas como a igualdade de gênero e uma participação mais engajada e ativa dos leitores.

3 Fenômeno da autopublicação

Os livros digitais ou *ebooks* surgem em 1971, com o Project Gutenberg. Com a inserção deles no mercado editorial brasileiro, abre-se a possibilidade da autopublicação para autores independentes, por meio de plataformas como o *Kindle Direct Publishing* (KDP), da Amazon, *Publique-se* e *Kobo Writing Life*.

No KDP, segundo a Amazon, em 2020 existiam mais de 100 mil livros autopublicados pela ferramenta. Toda semana, em média 30 dos 100 mais vendidos da Loja Kindle são autopublicados. Milhares de autores independentes ganharam com KDP mais de 50 mil dólares em direitos autorais, e mais de mil ultrapassaram a marca de 100 mil dólares em um único ano.

Dentre as vantagens da autopublicação nessa plataforma, vale destacar o baixo custo de produção, o alcance das obras e a lucratividade, como explica Virginio e Nicolau (2013). Em relação ao custo de publicação tradicional e a autopublicação, é possível notar a esmagadora diferença:

No modo mais simples de impressão, apenas em preto e branco no modo econômico e capa mole, o custo de 500 exemplares de um livro de 200 páginas é superior a 2.200 dólares. [...] Enquanto isso, os custos de publicação digital, se programado para ser formatado especificamente para o Kindle, da Amazon, sai de graça para o autor. (VIRGINIO; NICOLAU, 2013, p. 100)

No quesito lucratividade, o *Kindle Direct Publishing* permite que o autor escolha entre o plano comum, no qual recebe 35% dos royalties da publicação ou o plano KDP Select, no qual recebe 70% dos royalties (VIRGINIO; NICOLAU, 2013), mas para isso precisa assinar um termo de exclusividade com a Amazon.

3.1 Do impacto da autopublicação nas editoras

Os autores enfrentam dificuldades ao escolherem a publicação tradicional já que “a publicação por uma editora, com cadeias estruturadas não é acessível a todos” (PIZONI, 2016, p.19). Entre as barreiras, há a falta de controle nas questões gráficas, a diferença entre o público do mercado convencional e quem consome obras de autopublicação. Soma-se a isso, a prática das editoras de basear a tiragem de livros no histórico de vendas, fazendo que os autores novos sejam preteridos. Em meio a esse cenário, eles optam pela autopublicação.

Com o advento e a popularização dos *ebooks*, nota-se uma nova configuração do mercado editorial com a desintermediação, isto é, “o processo marcado pela redução do número de intermediários nas transações e fluxos de informação, podendo chegar às transações diretas entre produtor e consumidor” (FERREIRA; MIRANDA; MORAS, 2018, p. 496). Aliada a prática de autopublicação, os autores passam a ter maior independência das editoras, podendo fazer a comercialização direta das obras por plataformas, como o KDP.

Todavia, os dados sobre o mercado dos *ebooks* mostram um desenvolvimento abaixo do esperado. Segundo o Censo do Livro Digital feito pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), o faturamento total do mercado de livros digitais corresponde a 1,09% do mercado editorial brasileiro. Logo, o mercado dos livros digitais é uma pequena parcela da cadeia editorial e por isso “ainda não é suficientemente expressiva a ponto de promover uma mudança radical na cadeia, a despeito dos necessários ajustes às operações”, como afirma Ferreira, Miranda e Moraes (2018).

De acordo com a pesquisa desenvolvida pela Bowker, a autopublicação nos Estados Unidos teve um aumento de 263% entre 2013 e 2018. Mesmo que haja essa tendência de autopublicação, assim como os *ebooks*, ela tem pouca relevância no mercado editorial para ser capaz de provocar mudanças efetivas, como explica Mello et al. (2016). Além disso, a prática não é vista pelas editoras como fonte de preocupação já que as obras autopublicadas, na maioria das vezes já foram recusadas pelas editoras, logo não fazem parte da concorrência. As editoras não veem na autopublicação uma ameaça a sua atividade, mas sim como “um laboratório para testar o desempenho de obras e escritores, uma vitrine para as editoras” (MELLO et al., 2016, p. 59).

4 Metodologia

Como o objetivo deste artigo é traçar um esboço do panorama do mercado editorial erótico na atualidade, a metodologia escolhida foi a qualitativa. Optando-se pelo método observacional, que apesar de ser considerado o mais primitivo garante um alto grau de precisão, segundo Gil (2008). Por meio da observação direta intensiva, que “permite a coleta de dados para conseguir informações [...] mas também consiste em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 190), a pesquisa prossegue para escolher os instrumentos e ferramentas para coleta dos dados: as entrevistas e o questionário.

Segundo Duarte (2006), as entrevistas podem ser utilizadas na pesquisa em comunicação social para aprofundar um assunto. Por esse motivo, elas foram escolhidas como método de coleta de dados. A entrevista semi-aberta, a qual conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle, foi a eleita como mais adequada.

Para escolha dos entrevistados, utilizou-se os critérios de familiaridade e proximidade, isto é, buscou-se autoras que produzem literatura erótica e que publicaram obras na plataforma KDP. Devido à pandemia de Covid-19 e as limitações impostas pela quarentena, as entrevistas foram realizadas pela internet, por meio de chamadas de vídeos, utilizando Skype e Whatsapp. No caso da Amazon, buscou-se o representante para ouvir e entender as questões do KDP, do ponto de vista da empresa. Foi escolhido a aplicação de um questionário, enviado por e-mail. Importante destacar que as respostas dadas pelo questionário, apesar de completas, são limitadas e não oferecem as mesmas possibilidades de análise que as entrevistas semi-abertas.

As fontes escolhidas foram as autoras Nana Pauvolih, Nalva Martins e Katherine Lacom't. Ambas entrevistas pelo Skype entre os dias 14 e 15 de maio. Também foi ouvido o gerente geral do site *Amazon.com.br.*, Alexandre Munhóz, por meio de um questionário com sete questões.

Por fim, para a análise dos resultados, algumas perguntas foram entendidas como uma categoria de análise e outras foram unidas para se compreender melhor os resultados (Duarte, 2006). Assim há três tópicos foram escolhidos para a investigação, sendo eles: *Kindle Direct Publishing* (KDP), na qual foi subdividida para analisar as vantagens, desvantagens e o apoio dado aos autores pela Amazon. O tópico autopublicação que também foi subdividido para investigar aspectos como a

contribuição da prática para o trabalho da autora, o surgimento de uma tendência, a aproximação dos leitores e autoras por meio da autopublicação e o (s) motivo(s) que levam as autoras a se autopublicar. A última categoria analisada foi a censura que não foi subdividida.

5 Apresentação dos resultados e análise

Para análise dos resultados, as perguntas feitas para autoras foram divididas em três categorias: *Kindle Direct Publishing* (KDP), autopublicação e censura. Sendo que as duas primeiras foram divididas em subcategorias para permitir a análise de mais de um aspecto do assunto observado. As questões feitas ao representante da Amazon irão contribuir para complementar o entendimento sobre cada categoria e mostrar o ponto de vista da empresa sobre os temas em destaque.

A categoria KDP foi subdividida para se analisar as vantagens, desvantagens e o apoio dado pela Amazon para as autoras. No primeiro quesito, todas as autoras apontaram a liberdade, também citada como autonomia ou independência como um critério fundamental na escolha de se autopublicar em detrimento de optar por uma editora. "Nem sempre é fácil chegar em uma editora, ser lançado por uma editora. A Amazon dá essa liberdade para você de modo independente e alcançar um público novo", explica Nana Pauvolih.

O retorno financeiro também foi citado em unanimidade. Autopublicar no KDP é uma forma de lucrar com trabalho e "não deixar o livro na gaveta", como aponta Pauvolih. Ainda foi apontado, o fenômeno de popularização da escrita, isto é, por meio do Kindle, as pessoas tiveram acesso aos livros, se descobrindo leitores, depois com a facilidade dada para a publicação, elas se transformaram em escritores, assim popularizando a escrita.

Sobre as desvantagens, as autoras também são unânimes: não há. Contudo, é interessante notar que as autoras apontaram uma questão que perpassa não apenas a plataforma, mas a qualquer tipo de produto nos tempos atuais: a pirataria. A rapidez com que os livros são pirateados assusta, mas não impede que a autopublicação continue a crescer.

O último aspecto analisado sobre o KDP é o apoio dado para autoras. Novamente, as respostas são em uníssono: o apoio é mais do que satisfatório. A rapidez para atender qualquer dúvida e solucionar qualquer problema choca de maneira positiva e

surpreendente. O tratamento é gentil e atento, como destacam as três entrevistadas. “Acho que até hoje, após cinco anos de uso, não tive nenhum problema que demorou mais de 48 horas para ser solucionado”, afirma Katherine Lacom’t. Tal apoio se estende além da solução de problemas técnicos, a Amazon mostra-se disposta a incentivar e divulgar os autores que escolhem se autopublicar pela sua plataforma, como é possível observar nos depoimentos e destacado pelo gerente geral do site brasileiro, Alexandre Munhoz. “Existem autoras do gênero que estão entre os mais vendidos da Loja Kindle e têm uma base de fãs e leitores bem consolidadas, então acabam sendo chamadas para eventos como bate-papos, webinars, Bienal, FLIP, entre outros”, esclarece.

A segunda categoria investigada diz respeito à autopublicação. A categoria foi subdividida em: a contribuição da prática para o trabalho da autora, o surgimento de uma tendência, a aproximação dos leitores e autoras por meio da autopublicação e o(s) motivo(s) que levam as autoras a se autopublicar. No primeiro aspecto, as principais contribuições apontadas foi a possibilidade de vitrine dada pela prática. A autopublicação permite o início da produção literária de forma profissional e com retorno financeiro. “A autopublicação deu minha carreira, por meio dela que ganhei reconhecimento e a escrita tornou-se possível”, explica Katherine Lacom’t. O *ebook* passa a ser visto não somente por novos leitores, mas também por editoras, abrindo a possibilidade para a segunda contribuição: o livro digital ajuda as vendas do livro físico, e vice-versa.

O segundo quesito de análise investiga se há uma tendência no crescimento da autopublicação. Os entrevistados apontam que existe e isso deve-se a inúmeros motivos, tais como a dificuldade de chegar uma editora, o alcance do público e o retorno financeiro. Interessante notar que essa autopublicação não diz respeito apenas ao KDP, mas também a publicação sob demanda. “Não é todo mundo que consegue chegar a uma editora, e quando chega, você pode ficar sem receber. Então por que ficar em uma furada quando há tantas formas de autopublicar?”, salienta Nana Pauvolih. A própria Amazon enxerga o crescimento. “O erótico cresceu no Brasil com a ferramenta e não há razão para essa tendência mudar no futuro”, explica Munhoz.

A aproximação dos leitores com autores por meio da autopublicação é o terceiro aspecto em análise. Importante destacar que as escritoras de literatura erótica utilizam as

redes sociais, principalmente os grupos de Facebook para divulgar as obras e falar com os leitores. Pauvolih e Lacom't, escritoras a mais tempo destacam que as leitoras são muito participativas, sendo que a iniciativa de divulgação parte delas, muitas vezes. Porém, Nalva Martins salienta a importância da interação do autor, como uma forma de conquistar os leitores.

O último aspecto analisado dentro da categoria autopublicação buscou uma razão para a prática ser uma escolha recorrente entre as autoras de literatura erótica. Para tal questão, motivos como a independência, retorno financeiro, possibilidade de vitrine, falta de espaços nas editoras que não querem publicar romances eróticos, por considerarem uma subliteratura e até mesmo a falta de autonomia contratual. O gerente geral da *Amazon.com.br*, Alexandre Munhoz destaca que a escolha do KDP para a autopublicação dá-se por razões que se assemelham às apresentadas pelas autoras. “O KDP é uma ferramenta para que todas possam escrever as suas obras de forma independente e sob seu controle e encontrar pessoas que estejam interessadas lê-las”, explica.

Por fim, a censura foi uma categoria escolhida para análise. Ambas autoras destacaram a facilidade de se abordar e escrever romances eróticos. O sucesso da trilogia *50 tons de Cinza*, foi citado como um agente facilitador, mas não o único. O KDP não oferece nenhum tipo de filtro que censure as obras, pelo teor erótico, fato destacado pelo representante da empresa: “Existem filtros automáticos e manuais para que não haja plágio [...] mas se os textos estiverem de acordo com essas regras, o autor é livre para poder publicar suas obras, do seu jeito”.

Todavia, Pauvolih aponta que se colocar o livro na plataforma sob a categoria *Erótico*, ele não entra no ranking geral do site. Logo, as escritoras colocam as obras sob a categoria *Romance Contemporâneo*. A retirada dos livros eróticos do ranking geral foi noticiado pela *Vice*, em 2018, na matéria "Amazon Is Burying Sexy Books, Sending Erotic Novel Authors to the 'No-Rank Dungeon'". Os autores ouvidos alegam exatamente a mesma prática.

As autoras também apontaram o preconceito vindo dos próprios leitores, na maioria das vezes mulheres. “Vejo mulheres que têm mais preconceito que os homens. As leitoras dizendo que não poderia ter escrito isso ou aquilo, como se sexo fosse algo que pudéssemos colocar regras”, explica Pauvolih.

Considerações Finais

Ao final desta pesquisa, é possível traçar um esboço de panorama mais que promissor para a autopublicação da literatura erótica no país, por meio do KDP. As autoras encontram vantagens que não são ofertadas pela publicação tradicional. Além disso, a ferramenta serve como vitrine para o trabalho delas. Dessa forma, conclui-se que a autopublicação e a publicação tradicional não estão competindo, mas atuam em conjunto, em coexistência, permitindo mais divulgação e aumento dos ganhos.

Em relação ao KDP, o que se vê é uma ferramenta que oferece a possibilidade de liberdade, fundamental na produção literária erótica e que não foi oferecida no período Oitocentista e na ditadura civil-militar. Porém, engana-se quem pensa que a censura não perpassa mais a literatura erótica. Os impactos da censura moral ainda podem ser sentidos na recusa constante das editoras em publicar romances eróticos. Há também a censura das próprias leitoras, que tentam limitar o que é escrito, sendo possível notar o mesmo endosso da população que denunciavam livros eróticos na ditadura ou escreviam textos contra elas no jornais do período Oitocentista. Fato é que a censura ainda existe, mas é implícita.

Além da liberdade, o retorno financeiro e o alcance também são diferenciais oferecidos pelo KDP. O único dilema que precisa ser enfrentado e observado no futuro é a pirataria. A urgência em criar mecanismos para a proteção das obras fica claro, já que a prática afeta não só as autoras, mas também a Amazon.

Por fim, destaca-se que a área tem defasagem de estudos acadêmicos que poderia ser exploradas pelas mais diversas áreas do conhecimento. Um exemplo seria o contribuição que o aplicativo Wattpad dá a literatura erótica produza atualmente, visto que as três autoras entrevistadas começaram nele e continuam a utilizá-lo, juntamente com o *Kindle Direct Publishing*. Vale destacar a necessidade também de análises futuras sobre o desenvolvimento da prática de autopublicação no país, assim como o impacto no mercado editorial, não só no âmbito da literatura erótica.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN, S. **História da Literatura Erótica**. Tradução: Ana Maria Scherer e José Laurêncio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 439 p.

-
- AZEVEDO, N. D. Pelo buraco da fechadura: autores e obras da literatura erótica luso-brasileiros (1890-1912). **SOLETRAS Revista**. Rio de Janeiro, n. 34, p. 354-377, jul-dez., 2017.
- BATAILLE, G. **O erotismo**. Tradução: Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987. 260 p.
- BOWKER. **Self-Publishing in the United States, 2013-2018**. Disponível em: <<http://www.bowker.com/news/2019/Self-Publishing-Grew-40-Percent-in-2018-New-Report--Reveals.html>>. Acesso em: 08 jun. 2020.
- BRASIL. Decreto Lei Nº1.077, de 26 de janeiro de 1970. Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º, parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União, s.1, p. 577, jan. 1970.
- LITERATURA ERÓTICA. In: **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/literatura-erotica/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- COLE, S. Amazon Is Burying Sexy Books, Sending Erotic Novel Authors to the 'No-Rank Dungeon'. **VICE**, Estados Unidos: 29 de março de 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/amp/en_us/article/bjpjn4/amazon-erotica-best-seller-rankings-removed>. Acesso em: 23 mai. 2020.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006, cap. 4, p. 62-82.
- EL FAR, A. **Páginas da sensação: literatura popular e erótica no Rio de Janeiro (1870 - 1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 373 p.
- EROTISMO. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Bpzw>>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- FERREIRA, F. C. M.; MIRANDA, L. F. M.; MORAS, M. Impacto dos e-books na cadeira editorial brasileira: uma análise exploratória. **RAE: Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 58, n. 5, p. 494-505, set-out., 2018.
- MELLO, G. et al. Tendências da era digital na cadeira produtiva do livro. **BNDES Setorial**. Rio de Janeiro, n. 43, p. 41-79, mar., 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. 216 p.
- GOMES, M. C. S. **Literatura erótica em weblogs: análise do universo feminino nos blogs de literatura erótica**. 2016. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia), Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003. 368 p.

LONDERO, R. R. Caçadores canibais e cabeças perigosas: a censura e o mercado de literatura pornográfica no regime de 64. **Revista Literatura e Autoritarismo**, n. 25, p. 75-91, jun. 2015.

MARCELINO, D. A. **Salvando a pátria da pornografia e da subversão: A censura de livros e diversões públicas nos anos 1970**. 2006. 300f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MENDES, T. S. F. Livros, Imprensa e Obscenidade: A invenção da Pornografia no Brasil. **Revista Memento**. Vale do Rio Verde, v. 10, n. 1, jan.-jun., 2019.

MORAES, E. R. Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 31, p. 399-418, jul.-dec., 2008.

NICOLAU, M.; VIRGINIO, R. A autopublicação de livros digitais no Brasil: Novas Perspectivas para autores independentes. **Veredas: Revista Eletrônica de Ciências**. Vale do Ipojuca, v. 7, n. 1, p. 92-107, jan.-jun., 2014.

PIZONI, C. M. **O editor como parte da nova cadeia de publicação: uma experiência de autopublicação**. 2016. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Editorial) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

PORNOGRAFIA. In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em:
<<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Pornografia>>. Acesso em: 26 abr. 2020.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS. **Censo do Livro Digital Ano Base 2016**. Disponível em: <<https://snel.org.br> > 2018/02 PDF>. Acesso em: 08 jun. 2020.